

a textualidade do sexo

**Elisabete Ferraz Sanches e
Ronnie Cardoso***

"E um pouco de putaria pode ser normal, saudável.

Na verdade, um pouco de putaria é necessário em toda vida

Para a manter normal, saudável". D. H. Lawrence

A representação do ato sexual ou da nudez na literatura sempre esteve enredada no decoro que orienta a criação estética. A decência do escritor costuma edulcorar, ocultar ou reduzir ao mínimo a obscenidade do texto resultante da sua imaginação criativa. Ainda que o conceito de belo esteja relacionado com a excitação erótica, pois originalmente significava aquilo que provoca estímulo sexual, jamais poderíamos encontrar valor estético na figuração do sexo e dos genitais, conforme formulação freudiana.

* Elisabete Ferraz Sanches é editora da *Revista Opiniões 6/7*, doutoranda em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (FFLCH/USP) e bolsista CNPq. E-mail para contato: efs@usp.br. Ronnie Cardoso é editor da *Revista Opiniões 6/7*, doutorando em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (FFLCH/USP) e bolsistas Capes. E-mail para contato: peporpe@yahoo.com.br.

Essa ideia encontra acolhida no conceito de sublimação, cuja gênese da sua elaboração, no campo psicanalítico, pode ser rastreada nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, publicado em 1905 por Sigmund Freud. O psicanalista levanta a hipótese de que o ocultamento do corpo, em decorrência do processo civilizatório, faz com que a curiosidade sexual seja singularmente despertada no ser humano, “que ambiciona completar o objeto sexual através da revelação das partes ocultas, mas que pode ser desviada (‘sublimada’) para a arte, caso se consiga afastar o interesse dos genitais e voltá-lo para a forma do corpo como um todo” (FREUD, 1996, p. 148).

Nas criações artísticas ou mesmo na investigação intelectual decorrentes de atividade sublimatória, Freud observa que há um desvio de energia sexual a ponto de aparentar não ter nenhuma relação com a sexualidade. Isso se dá porque a função da sublimação na vida do sujeito seria justamente a de deslocar as forças pulsionais de seus fins sexuais e orientá-las para outras finalidades, mais elevadas e valorizadas pela sociedade da qual faz parte. Tal entendimento não está desvinculado do sentido assegurado pela etimologia da palavra, segundo a qual a sublimação seria a ação de ascender, de exaltar e de purificar.

Sem dúvida, no âmbito estético definido pelo termo, há um certo pendor moral que justifica a desconsideração ou desqualificação de produções criativas realizadas sob o regime da perversão. Contudo, como nos adverte Oscar Wilde (1998, p.7), “não existe livro moral ou imoral. Os livros são bem ou mal escritos”. A rigor, caberia repensar ou ressignificar o próprio conceito de sublimação, visto que o campo artístico acabou por acolher a indecência, a obscenidade e a concupiscência, sobretudo quando elas vêm acompanhadas de uma certa originalidade formal, de uma alegria particular ou como resultante da liberdade dada ao fluir da imaginação.

Em suas produções mais pornográficas, autores como Hilda Hilst, Glauco Mattoso, Roberto Piva, João Gilberto Noll, João Silvério Trevisan, entre outros escritores brasileiros com alguma produção obscena dispersa no conjunto da obra, dão livre curso a fantasmas perversos e operam o texto de maneira a sexualizar as letras, as palavras, as frases, as cores, as figuras ou os sons. Nesse tipo de produção, encontraríamos, portanto, operações de uma sublimação ressexualizada que acionaria um tipo específico de textualidade, a qual estaria livre de amarras morais, visto que é regida pelo prazer ou pelo gozo.

Georges Bataille defendia que a literatura, sendo inorgânica, poderia e deveria ser irresponsável. Em *A literatura e o mal* (1998, p. 22), o pensador francês assegura que “nada assenta sobre ela”, por isso, “pode dizer tudo.” Os limites impostos ao texto literário, no entanto, sempre surgiram de todas as partes. Gustave Flaubert, por exemplo, após o lançamento de *Madame Bovary*, viu sua obra virar matéria de discussão jurídica e ser acusada de indecente pelo Ministério Público Francês. O advogado de condenação defendeu a tese de que os detalhes lascivos ultrajavam a moral pública, que a obra apresentava uma “profunda imoralidade”, sobressaindo nela a “poesia do adultério” (PINARD, 2007, p. 310).

Apesar de Flaubert ter sido absolvido da incriminação, a sentença emitida pelo tribunal acatara parte da acusação, segundo a percepção de que “a arte sem regra não é mais arte; é como uma mulher que tirasse todas as roupas. Impor à arte, como única regra, a decência pública, não é escravizá-la, mas honrá-la.” (PINARD, 2007, p. 318). O juiz considerou que o autor de *Madame Bovary* cometera o erro de perder de vista as normas morais e estéticas as quais todo escritor nunca deveria ultrapassar quando se pretende cumprir o bem a que é chamado a produzir.

Outras tantas vezes, a criação literária foi censurada pelo próprio criador, refém dos mesmos dilemas éticos e artísticos da sua época. Mário de Andrade, para exemplificar apenas um caso notório, acrescentou algumas cenas sexuais picantes à primeira edição de *Macunaíma* (envolvendo o protagonista e sua companheira Ci), depois as retirou das edições seguintes. Em carta a Alceu Amoroso Lima, Andrade afirma que a imoralidade do livro era uma das coisas que mais o preocupava, pois temia que não fosse entendida. Sua inquietação o levou a temer que, apesar de não desejar, seu livro pudesse provocar algum escândalo, o que o faria sofrer bastante. E concluiu: “o perigo maior será se imitarem isso” (ANDRADE, 1996, p. 498).

A representação do sexo na literatura sempre envolveu restrições ou censuras, tanto por parte do escritor quanto dos leitores. No Brasil, uma das discussões mais profícuas sobre o assunto se deu com o lançamento da trilogia pornográfica de Hilda Hilst. A crítica literária brasileira revisitou alguns conceitos e convocou uma série de termos para analisar a produção da escritora, tais como obsceno, licencioso, libertinagem, exercícios lúbricos e, sobretudo, erotismo. Hodiernamente, mesmo como julgamento moral mais frouxo, autores contemporâneos brasileiros ainda se veem presos aos dilemas da representação da cena sexual.

Para se posicionar diante disso, Glauco Mattoso, em seu *Manual do podólatra amador* assegura que “o valor artístico duma obra literária, plástica, teatral ou cinematográfica não depende da temática”. No caso do sexo explícito, a obra pode ter ou não qualidade estética, pois “existe a boa e má pornografia, assim como qualquer outro tema pode ser motivo duma verdadeira obra de arte ou duma fajutice. Tudo só depende da habilidade & do talento criativo do autor” (MATTOSO, 2006, p. 137). Por fim, vale deixar a provocação feita por

Barthes em *Sade, Fourier, Loyola* (2005, p. 204), ao perceber que, em qualquer situação, o valor do sexo seria dado pela imaginação. Em seu entendimento, “o desejo de cabeça” garantiria a rentabilidade de toda operação erótica, sobretudo na arte e na literatura.

Essas e outras tantas provocações atinentes às relações entre o sexo e literatura são objetos da atenção dos colaboradores do número 6/7 da *Opiniões*: revista dos alunos de Literatura Brasileira. O Dossiê dessa edição foi composto por entrevistas e artigos nos quais alunos, pesquisadores e professores universitários propuseram diferentes enfoques críticos para se pensar a representação do sexo ou da sexualidade no texto literário.

Os nove artigos que compõem o dossiê foram organizados em sequência cronológica, daí começarmos com “No claustro das ambições: o papel do amor freirático na poesia satírica de Gregório de Matos”, de Felipe Lima da Silva; passando por “O amor, o instinto e a morte: experiências de excesso em *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo”, escrito por Tereza Cristina Mauro; “De perseguidas a fatais: personagens femininas, sexo e horror na literatura do medo brasileira”, de Júlio França e Daniel Augusto P. Silva; “Estatuária do desejo: a escrita erótica e o jogo da imitação em *Lucíola*”, de Geovanina Maniçoba Ferraz; “O sexo em quatro atos no romance *Em nome do desejo*, de João Silvério Trevisan”, apresentado por Samuel Lima da Silva; “‘Bem longe de Marienbad’: uma leitura da ausência em conto de Caio Fernando Abreu”, desenvolvido por Thais Torres de Souza; “Representações sexuais e (anti)literárias na poesia xamânica de Roberto Piva”, escrito por Marcelo Antonio Milaré Veronese; “A velha assanhada: anotações para a história de uma prática”, de Marcos de Campos Visnadi; e finalizando com “João Gilberto Noll e a pomossexualidade”, de Carlos Eduardo de Araujo Placido.

Na segunda seção do dossiê, encontram-se “Pendor para o baixo: entrevista com Eliane Robert Moraes”, na qual os colaboradores da comissão editorial da revista conversam com a professora de Literatura Brasileira da USP sobre sua trajetória acadêmica, as mudanças na universidade nas últimas décadas e as dificuldades e delícias de se estudar o erotismo literário. Em “Literatura e sexo”, Bruno Ribeiro de Lima entrevista o professor Gerárd Dessons, da Universidade Paris 8, que trabalha com teoria da arte, da literatura e da linguagem. Para finalizar, incluímos uma interlocução entre os editores, contando com mais um convidado, Cleber Dungle, na conversa sobre erotismo e pornografia; fecha a seção dois poemas obscenos de Múcio Teixeira ainda não publicados em livro.

Além do rico dossiê, como de costume, a revista também reserva espaço para artigos de temas variados. Designada como *Rosas, ramos e cravos de Anarda*, o título da seção já sugere a variedade de autores e estilos que teremos pela frente: Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Clarice Lispector, Machado de Assis e Manuel Botelho de Oliveira. Essa parte da revista inicia-se com o artigo “Psicanálise-literatura, literatura-psicanálise: questões de recepção, questões de método, questões estéticas”, de André Barbosa de Macedo, com um enfoque mais teórico. Em seguida, encontram-se artigos centrados na análise de textos literários específicos, quais sejam: “O jogo do olhar feminino em ‘Minha gente’, de Guimarães Rosa”, escrito por Ana Lúcia Branco; “O contexto da publicação e o prefácio de *Ressurreição*: Machado de Assis e os cavaleiros da causa nacional e da ordem romântica”, de Vagner Leite Rangel; “A relação entre pessoas e animais em contos de *A Legião Estrangeira*, de Clarice Lispector”, sob autoria de Ana Carolina Sá Teles. Para finalizar, o prof. Jean Pierre Chauvin, em “Retrato de Anarda ou a lira aguda de Manuel Botelho de Oliveira”, propõe a análise de algumas liras de

Botelho, poeta pouco lembrado na tradição literária brasileira, talvez por conta do hiato existente entre a primeira publicação de seus poemas no início do século XVIII e a reedição dos mesmos apenas dois séculos depois.

De acordo com a tradição da revista, a seção destinada a textos artísticos inéditos reserva espaço a novos escritores. Ademais, cada poema ou conto é seguido de um estudo crítico. Neste número, o tópico *Novos autores* subdivide-se em três momentos distintos. No primeiro, denominado *Erótica literária*, estão poemas ligados à temática do dossiê: “Bashêzas”, de João Pedro Liossi; “Pixação de banheiro”, de Marcus Gozae “Cata-a-cresce”, de Gustavo Di Donato Matheus. O texto crítico a respeito dessa coletânea ficou a cargo de Luisa Destri que, em “Resposta ao pé do ouvido”, aceitou o desafio de analisar as conjunções e singularidades da proposta literária de cada poema. No segundo, intitulado *Outros poemas*, encontram-se “O lírio do desassossego”, do sergipano Fábio de Oliveira e “No meio da tarde”, do poeta Paulo Nunes. Ambos são apresentados por Dário Ferreira Sousa Neto. Em “Memórias noturnas: uma análise de dois poemas”, Sousa Neto avalia a poética que cada um dos textos sugere. Para finalizar, o tópico *Novos contos: um é pouco, dois é bom, três é melhor* traz três contos de Roque Antonio de Soares Junior: “Ana”, “De extrato artificial de vida, na antessala do mundo” e “Olhos de mosca”. O contista mineiro proporcionou a Cris Torres uma leitura ao mesmo tempo crítica e sensível, que resultou no ensaio “Todo o mais já não espera: a escrita feita a carvão de Roque Antonio de Soares Junior”.

Boa leitura a todos.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mário de. "Carta a Alceu Amoroso Lima". In: _____. *Macunaíma*. Edición crítica, Telê Porto Ancona Lopez. Madrid; París; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996.

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

FREUD, Sigmund. *Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos, (1901-1905)*. In: Edição Standard das Obras completas de Sigmund Freud. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MATTOSO, Glauco. *Manual do podólatra amador: aventuras de um tarado por pés*. São Paulo: All Books, 2006.

PINARD, Ernest. "Requisitório do Sr. Advogado Imperial". In: FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo: Nova Alexandria, 2007.

WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1998.